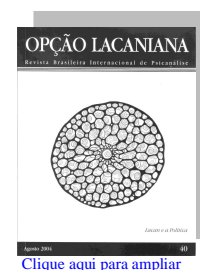


FAZER ANÁLISE: do fútil ao fato[♦]

Marcus André Vieira



Referência:

Vieira, M. A. Fazer análise: do fútil ao fato. *Opção Lacaniana*, São Paulo, EBP, n. 40, p. 21-27, 2004.

1. Do método ao dispositivo

Lacan, em 1967, faz sua a definição da psicanálise cunhada por Freud em 1922, até hoje a mais em curso nos compêndios e vocabulários.¹ Nela, a psicanálise é situada como um método de investigação e de terapêutica (além da teoria que o exercício desse método engendra). Lacan, porém, enfatiza não tanto a investigação, a terapia ou a teoria, mas o *método*. “Método”, aqui, deve ser entendido não tanto como receita ou manual, mas sim a partir do que este termo assinala de um novo modo de operar, de agir na experiência, de uma nova prática que “inaugura, na experiência, um campo”.²

O método em questão, já o conhecemos, é o da associação livre. A operação lacaniana é insistir no que ele tem de corte. Nem microscópio investigativo, nem injeção terapêutica, nem nova corrente filosófica; em sua simplicidade ele comporta um novo meio de dispor dos elementos da experiência subjetiva. Esta novidade é uma prática que nasce de um método, com suas conseqüências e pressupostos. É o que chamamos de “dispositivo”, um novo estilo, uma nova disposição para o face-a-face do homem com seu destino.

Este dispositivo tem uma particularidade: não coloca quaisquer objetivos de pesquisa ou de terapia como prévios à sua instalação. Como afirma Lacan: “Isso fica bem enfatizado na técnica, pelo fato da psicanálise não impor nenhuma orientação da alma, nenhuma abertura da inteligência, nenhuma purificação que seja prelúdio da comunicação”. É o que ele chama de “laicização do pacto prévio”.³

Pouca coisa é pré-condição para o trabalho. Não é preciso que analisante e analista se ponham de acordo com quase nada. Não há nenhum valor moral prévio presidindo este encontro, nenhum ideal de saúde, por exemplo. Fica claro, então, que não estamos falando de um princípio que funda uma prática (um ideal da boa comunicação que levaria a valorizar o desabafo em si, por exemplo), mas de uma prática original de enfrentamento do real que, em seu trabalho, põe em segundo plano os ideais. Por isso mesmo, a medida de sua ação não se pautará por resultados em adequação com valores prévios. Ela não será avaliada por qualquer tipo de objetivação “cognitivo-comportamental” de seus resultados, nem pela beleza e consistência de seu edifício teórico, pois os parâmetros prévios de avaliação, ali, faltam.

Isso não a libera de justificar-se. Ao contrário, ela não pode lavar as mãos no empirismo, do tipo “meus resultados falam por mim”. A psicanálise é responsável. Esta é uma virada radical e uma incisão propriamente lacaniana no texto de Freud que define seu estilo clínico. Duas tarefas concentram essa responsabilidade. Por um lado, demonstrar os efeitos de uma análise no real; por outro, sua adequação aos pressupostos do método que a institui. O analista lacaniano responsabiliza-se como poucos pelo que

[♦] Este texto, apresentado na abertura do XIV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano (Fazer análise: porquê, quando e como), não seria possível sem a interlocução proporcionada pelo rico trabalho do coletivo constituído pela Comissão Científica do Encontro e de suas diretora e presidente: Ana Lúcia Lutterbach-Holck, Elisa Alvarenga, Manoel Motta, Márcio Peter Souza Leite, Maria do Rosário Collier do Rego Barros, Nora Gonçalves, Romildo do Rego Barros, Sergio Laia e Stella Jimenez. A preparação do Encontro envolveu não somente a comissão científica e os autores dos textos enviados, mas a Escola em suas Seções e Delegações. Sua inserção em um contexto mais amplo, do Campo Freudiano e da Associação Mundial de Psicanálise, permitiu-lhe beneficiar-se do impressionante trabalho em direção ao Congresso de Comandatuba. Neste sentido, a discussão desenvolveu-se segundo uma orientação bem definida: “Fazer análise” hoje é, por um lado, não abrir mão de certos princípios e, por outro, fazer valer seu lugar no Outro de nossos tempos. Dois nomes próprios são, aqui, fundamentais: Jacques Alain Miller e Graciela Brodsky. Em nosso caso, essa orientação foi elegantemente sustentada por Elisa Alvarenga e Ana Lúcia Lutterbach-Holck.

o dispositivo engendra de efeitos e, ao mesmo tempo, busca situar-se com relação ao fio cortante (expressão cara a Lacan) da lâmina com que opera, pois terá que permanentemente deprender, no curso da experiência, quais os princípios que a regem, já que estes não são prévios.

Entende-se porque em nosso caso a ética é preponderante com relação à terapêutica e porquê é tão importante o trabalho de nossa comunidade para definir os princípios da prática lacaniana. Por isso, é preciso, também, recusar as listas de critérios (de indicação ou de contraíndicação), baseados em características prévias do paciente.⁴ Apenas para se ter uma idéia de quanto este caminho pode ser infrutífero façamos do elenco freudiano de situações uma rápida lista de exclusão: todos os íntimos demais, ricos demais, pobres demais, velhos demais, crianças demais, dependentes demais, angustiados demais, loucos demais estariam fora. Poderíamos, a seguir, acrescentar, com os pós-freudianos, os *borderlines* e, com Lacan, os japoneses, os ingleses, os canalhas e os débeis. Fica claro, pelo absurdo, o erro em agir desse modo, Segundo essa perspectiva quase ninguém preenche os requisitos para uma análise.

Em vez de delimitar, a partir destas exclusões, o paciente ideal para análise, é preciso retomar as indicações de Freud e Lacan com o fim para o qual foram concebidas, como marcos de orientação. Em vez de critérios, balizas. Cada baliza, aqui, age como um eixo para interrogar o quanto nosso trabalho está aberto a improvisações, o quanto pode-se remanejar suas configurações iniciais e ainda assim considerar-se dentro do campo psicanalítico.

2. Do dispositivo ao analista

Temos, então, uma prática, o método que a institui, o campo que ela inaugura, os princípios que a norteiam e os efeitos que produz. Cabe a pergunta: Que efeitos? A técnica, como vimos, sem ideais ou pactos prévios, “joga, ao contrário, com a não-preparação”. Mas se não definimos previamente objetivos a alcançar, o que se espera? Fiquemos com apenas uma idéia, também destacada por Lacan nesta conferência: “O que se espera da sessão é justamente (...) aquilo que os psicanalistas costumam recusar-se a esperar, por medo de afundarem nela: a surpresa”.⁵

Mas que tipo de surpresa? “O que temos de surpreender é algo cuja incidência original foi marcada como trauma”. Resumo o que afirma Lacan nesta conferência a esse respeito. Não se trata desse ou daquele acidente, mais ou menos traumático, mas nesse ou naquele acidente, de um encontro. Um encontro é o que se espera. O encontro com a materialização do real como algo a mais do que a realidade cotidiana.

Este é nosso dispositivo. Ele é estruturado para dar lugar à falha do tecido da realidade, ao *bug* do programa, ao furo do sistema, ao estranho, ao resto, à mancha. A lista é grande de nomes (lacanianos ou não) da materialização do real. É preciso cuidado, no entanto, pois não se trata de encontrar-se com a falha para que se aprenda a duras penas que a cultura é vã e que a vida é mal-feita. Nada de uma ascese que nos torne superseres negativados, que “assumem sua castração”, mas sim de forjar um encontro que mude o mundo. O real para nós não é o impossível que não acontece, mas o impossível que se materializa, que se escreve. É o dito estranhamente novo que reescreve uma vida.

Este dito, o da interpretação, é veiculado pelo analista, mas ele, porém, não é, ali, agente. O ato analítico não é a intervenção do sujeito analista como padrão de um melhor sujeito, nem como *expert* que traria um outro texto, mais bem redigido, para a narrativa de uma existência. Ele encarna, do texto produzido pela análise, pelo dispositivo, o poder de ruptura (onde reconhecemos nosso princípio de dissimetria).⁶ Seu ato é, segundo Lacan, “fundamentado numa estrutura paradoxal, uma vez que nela o objeto é ativo e o sujeito subvertido”.⁷ O analista está, assim, bem mais do lado do objeto, deste resto de fala, deste texto estranho, às vezes escandaloso, às vezes - porque não? - divertido, que incidirá sobre o corpo de sentidos de uma vida. Bufão, mobilizando uma fala mais disruptiva que inteligente, ele faz valer, na diferença entre um texto e outro, a presença da própria diferença em si.⁸

Pois bem, como este corpo de sentidos que compõe uma existência é exatamente o que fundamenta as demandas, a análise pode ser definida como um modo específico de tratamento da demanda a partir da possibilidade de nela fazer incidir um estranho desejo, tecido com muitos cortes e pouco pano. Para tanto, é preciso que o analista navegue no texto do analisante, de suas demandas. Esta

é a baliza essencial destacada por Lacan quanto ao nosso tema. Em vez de perguntarmos se este ou aquele paciente presta-se à análise, devemos interrogar a configuração de sua demanda.

3. Da Demanda às Demandas

Neste sentido, o primeiro passo é sair do tudo ou nada. Em vez de “há ou não há” demanda, o que colocaria novamente a ênfase no paciente (e na busca da definição dos “bons” pacientes), instauremos a continuidade: há demandas e demandas. Nossa pergunta passa a ser então: quais as condições de demanda compatíveis com o dispositivo analítico?⁹ Ao mesmo tempo, a demanda, realidade de nosso trabalho, articula-se diretamente com as falas que compõem a subjetividade de nossos dias. Estaremos, assim, abordando as demandas atuais e interrogando a possibilidade de aí inserir-se o analista.

Temos agora os elementos balizadores da discussão: o dispositivo, o analista e as demandas. Quais demandas? Das inúmeras listas de contra indicações, tanto de Freud quanto dos pós-freudianos retomadas no trabalho preparatório para este encontro, foi possível chegar a quatro eixos de demanda que definiram quatro temas. As dificuldades em abandonar o “toma-lá, dá-cá” da demanda para ingressar em uma análise, foram agrupadas em torno do título “Pagando o preço”; as demandas que giram em torno do poder definiram o título “Figuras do mestre”; os efeitos, sobre a demanda, da apresentação do real como fora do sentido, tão presente na fala dos “Traumatizados” formaram um terceiro eixo; e, finalmente, a construção de uma demanda diante de um Outro consistente demais configurou a questão dos “Loucos em análise”. Dessa forma as demandas em torno do dinheiro, do poder, da violência e da loucura estão aqui listadas, neste que não deixa de ser um retrato pungente de nossos dias.

Gostaria de propor uma leitura para estes quatro eixos que os articule de outro modo que não apenas como uma série. Para isso é preciso destacar um tipo de demanda que parece a Lacan radicalmente contrária ao dispositivo analítico, antinômica a ele, a demanda canalha.

Partamos de nosso dispositivo e de uma simples conclusão quanto a seu método. Quando, na associação livre, exorta-se, a princípio, a que se fale o que se queira, evidencia-se que nada diz exatamente o que se quer dizer. Se nada do que posso imaginar e falar - que recobre o campo da realidade - me satisfaz, é porque o que quero deve ser algo além dos objetos do mundo. Distingue-se assim a demanda, que tem sempre objeto claro, do desejo, cujo objeto é sempre outra coisa, ou seja, nada concreto. A demanda é evidente e explícita, o desejo é sempre impalpável e dedutível. A diferença entre a psicanálise e a fé místico-religiosa é que esta última supõe este além em outro mundo. Já em uma análise supõe-se a possibilidade da apresentação dessa Outra coisa em nosso próprio mundo, como inscrição do desejo no campo das demandas.

Um dos pressupostos do nosso dispositivo parece ser então o de que existe algo além das vontades, das demandas e de seus mandos. Ora, a demanda canalha funda-se exatamente na recusa deste “além” das demandas. Ela professa: ‘se o desejo é tão etéreo, vai ver que é pura ilusão’. Por isso Lacan define o canalha como um “realista”, de um realismo absoluto.¹⁰ É como se não houvesse nada além daquilo em que se pode eventualmente deitar mão. Não há nada a esperar de outra vida, o tempo é agora e tudo está aí. Reconhecemos aqui traços marcantes da epopéia contemporânea. Todo objeto de desejo é objeto de consumo, das drogas ao silicone passando pelos corpos e pelo sucesso.

4. A Demanda futilitária

Lacan estabelece, a seguir, uma estreita relação entre canalhice e besteira/burrice (*bêtise*). Aquele que recusa o desejo, pode “dar uma de grande Outro (*se prendre pour l’Autre*)”, na vertente canalha, e manipular as significações da cultura à vontade, ou submeter-se integralmente à elas, sendo, como se diz habitualmente, uma besta.¹¹

Com estas duas demandas, articuladas em seu ponto central de recusa do desejo, Lacan ofereceu-nos uma maneira de abordar o tema do Outro que não existe sob o ponto de vista da demanda: são demandas sem Outro aparente. Finalmente, podemos chegar à última etapa de nosso trajeto que vai do Outro à demanda e desta ao objeto. Isto porque estas duas demandas articulam-se também com referência ao objeto caracterizando a formulação de Lacan em “Radiofonia”, ressaltada por Jacques Alain Miller e Eric Laurent segundo a qual estaríamos assistindo à “ascensão ao zênite social do objeto *a*”.¹² Esta

proposição parece-me assinalar nada menos do que a explosão do *gadget*, do bem descartável, para cuja tradução proponho o termo “futilitário”.¹³

Para melhor situar a demanda futilitária partamos da demanda do Ideal. Quando se demanda algo ideal, mesmo que fora de alcance, o objeto que o encarna é supostamente complementar. Ele me faria mais inteiro, mais sólido. Neste contexto, clássico, os objetos são tijolos que constroem o edifício da realização pessoal de uma vida. O desejo, aqui, irrompe com relativa facilidade, afinal, basta que um dos tijolos mostre-se barro fofo para que o edifício apresente-se em sua precariedade e exiba e as linhas de fratura, recalçadas, de sua construção. Diante desta demanda o analista, longe de se oferecer como medida da realidade, do bom prédio, oferece-se como “suporte do des-ser”.¹⁴ No contexto da demanda “sólida”, dos bons tempos, o real fica aprisionado, tal como em uma parede (que só se manifesta como real quando se bate com a cabeça contra ela). O *des-ser*, aqui, é nosso ponto de orientação para materializar o real como o impossível, liberado dos muros de sua prisão em sua potência criadora.

No campo do futilitarismo, por outro lado, não há ideal complementar, não há objetos sólidos, apenas objetos descartáveis. De maneira análoga não há grandes edificações, o paradigma dominante é o da *rede*. Podemos, então generalizar e falar de uma rede futilitarista de objetos e de uma demanda futilitária como marca de nossos tempos.

Agora podemos interpretar os quatro eixos acima como uma escrita do real de nossos dias.

1. Na modernidade futilitária tudo pode ser comprado e tudo tem um preço. Aqui o tema do dinheiro é paradigmático. A indicação freudiana sobre a dificuldade em analisar os muito ricos ou muito pobres ganha um novo sentido. Assinala situações em que pagar o preço, ou seja, apostar no desejo, oferecer algo além de suas demandas para o analista, parece, muitas vezes, impraticável.

2. O mestre é aquele para quem o escravo oferecia seu desejo, sua castração. Aqui discute-se de que lugar o analista pode legitimar seu ato, pois os combalidos mestres de hoje parecem não mais impor a lei como regime da autoridade e da falta.

3. De fato, talvez seja apenas na violência que os caricatos mestre de hoje se instituem. Não pagar o preço do desejo tem, assim, como contrapartida o retorno de um real não mais como sólido, ou mesmo como impossível materializado, mas como irrupção brutal de um excesso fora do sentido, que configura os novos traumatizados, os estressados e os filhos do pânico.

4. Finalmente, a loucura parece manter-se como fiel da balança das paixões da cidade e continuar servindo, como nos tempos de Lacan, ao analista, como campo de aprendizado. A invenção psicótica, destacada por Jacques-Alain Miller, pode nos permitir examinar soluções para lidar com o real fora do sentido de forma mais criativa que violenta.¹⁵

5. Do fútil ao fato

Há que inventar diante da proliferação de situações aparentemente refratárias ao dispositivo analítico hoje. Em um mundo com tão poucos sólidos a questão maior, por paradoxal que pareça é a de como fazer valer o corte.

Vale mais uma vez a referência ao campo da saúde mental.¹⁶ Nele, a luta antimanicomial como luta contra o autoritarismo é passado e deixa no vazio os antigos ativistas da reforma. A questão hoje é a da inclusão, em que este termo assinala menos a situação dos segregados exteriores, do que a difícil localização dos que não se conectam à rede. Não é a falta de razão ou de realidade que determina quem são os pacientes, mas sua incapacidade de integrar-se à rede produtiva. Em troca, tornam-se usuários da rede de cuidados, no que se demonstra o quanto é difícil, hoje, ficar de fora. “Descamisado”, assim, não é aquele que não tem camisa, mas aquele que não frequenta as lojas para adquiri-la, apesar possuído pela cadeia do consumo.

Neste contexto, a questão é o que fazer com a massa de sujeitos que não se conectam, os que teimam em ficar na rua, por exemplo, que fazem um espécie de enclave *trash* na rede de cuidados. Eles nos ensinam que o que perturba, não é tanto o que estaria de fora, mas aquilo que entrava a circulação da rede.

É aqui que ganha todo seu alcance a retomada da noção de *sinthoma* por Lacan em seu último ensino e os desenvolvimentos de Miller a partir daí.¹⁷ A materialização de um outro real pode se dar a

partir de algo que entrava a ciranda dos futilitários, que é uma maneira de definir o sintoma: um real singular que resiste às representações do Outro e que, ao mesmo tempo, funda a possibilidade de conexão com ele.

Apoiando-me em uma metáfora: na demanda futilitária, a intervenção do analista talvez seja menos essencial para mostrar o quanto há de resto (pois vivemos com eles), mas sim o quanto os restos “descartáveis” podem resistir a desaparecer. Os restos da civilização, sempre foram uma figuração social do objeto *a*, as garrafas de plástico que se espalham nas praias talvez sejam, outra, mais atual. O recalcado da demanda sólida seria, assim, a onipresença do lixo, enquanto que o recalcado da demanda futilitária é a resistência do plástico. Na rede futilitária o real do plástico, não descartável, inscreve-se como “traste” exatamente como deprimidos e inibidos de hoje com relação ao mercado.¹⁸ Em vez de resistir à rede como traste, o analista deve, segundo Miller, oferecer-se. Ele é multi-uso (para retomar sua expressão) mais do que resto. O *des-ser* do analista aqui é o uso que faz de seu sintoma, por isso a ênfase no “saber-fazer”.

A futura legitimação social do psicanalista talvez não se dê mais pela figura do médico, nem a do herói intelectual. O primeiro, já alertava Lacan, tem se tornado apenas um “distribuidor de medicamentos”¹⁹, o segundo tem seus dias contados (basta assistir ao retrato de sua morte por Denys Arcand em *Invasões Bárbaras*). Talvez seja preciso como indicou Lacan sobre o lugar da psicanálise na segunda guerra, “atravessar o Rubicão de uma inovação no método”, demonstrando como os ingleses souberam “encontrar no próprio impasse de uma situação a força viva da intervenção”.²⁰

Para concluir, então, jogando com a definição de Lacan de ato como um dizer que “funda um fato”, diria que é preciso que o analista funde um fato que materialize o lado *trash* do futilitário. Do fútil ao fato, sem passar pelo traste, é preciso, assim, demonstrar em cada fragmento de caso clínico se é possível tracejar o caminho que materializa o resto, não como descartável, mas como negrume do petróleo, resíduo de outras eras resistente à virtualidade e que, no entanto, impede que alguém puxe o fio da tomada e nos coloque a todos no escuro.

¹ Quando define a psicanálise em Milão, na conferência “A psicanálise em suas relações com a realidade”, de onde provém a maior parte das citações a seguir (cf. Lacan, J. *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003, pp. 350-358).

² *Ibid* (Lacan, inclusive, provavelmente neste sentido, dá preferência a um sinônimo de *méthode* não muito usual em francês, *procédé*).

³ *Ibid*.

⁴ Ricardo Seldes demonstra como estas listas - um inventário das situações e dos sujeitos em que uma análise seria inconveniente ou de impossível realização podem ser contraindicadas (cf. Seldes, R. “Os três momentos das regras técnicas” *Papers da Escola Una*, n.2, <http://www.elistas.net/lista/papers>).

⁵ Lacan, J. *Ibid*.

⁶ cf. Brodsky, G. “O princípio da dissimetria”, *Papers da Escola Una*, n.5, <http://www.elistas.net/lista/papers>.

⁷ Lacan, J. *Outros Escritos*, p. 372.

⁸ O desenho do lugar do analista feito por Ricardo Seldes como o do bufão é aqui extremamente preciso (cf. Seldes, R. “Efeitos lacanianos”, *Papers da Escola Una*, n. 4, <http://www.elistas.net/lista/papers>. Quanto ao desejo do analista como diferença absoluta cf. Horne, B. “Sobre o desejo do analista”, nesta revista)

⁹ Dessa forma retomamos a ênfase no analista e em seu ato, estabelecida por Seldes a partir de Jacques-Alain Miller (cf. Seldes, R. *Ibid*. Quanto às condições para o estabelecimento de uma demanda compatível com o dispositivo analítico cf. Gonçalves, N. “O dispositivo analítico”, nesta revista).

¹⁰ Lacan, J. *O seminário, livro 7*, Rio de Janeiro, JZE, 1988, p. 223.

¹¹ Lacan, J. *Outros Escritos*, p. 541 (cf. tb. Milner, J. C. *Les noms indistincts*, Paris, Seuil, 1983, pp. 124-131 e Teixeira, A. “Do bom uso da besteira”, *Agora vol. V*, n. 2, jul/dez 2002, Rio de Janeiro, pp. 271-293 e “Do conformismo canalha à paixão da besteira”, nesta revista).

¹² Lacan, *Outros Escritos* p. 411.

¹³ Tradução bem humorada transmitida por Marcelo Veras. As indicações de Lacan que este termo visa estenografar pareem circunscrever algo tão essencial de nossos tempos que talvez fosse possível encontrar seus ecos em muitos dos que tentam isolar um traço comum à modernidade - desde a “razão cínica” de Sloterdijk, a fragmentação da reflexividade e da identidade por Giddens, o espetáculo permanente sem bastidores de Baudrillard, o capitalismo tardio, a globalização, etc.

¹⁴ Lacan, J. *Outros Escritos*, p. 354.

¹⁵ Cf. Miller, J. A. “A invenção psicótica”, *Opção Lacaniana*, vol. 33, 2003, pp. 6-16 e Gurgel, I. “Clínica da psicose: direção ou tratamento possível?”, nesta revista.

¹⁶ Cf. Barreto, F. “A urgência subjetiva na saúde mental”, nesta revista.

¹⁷ Miller, J. A. “O último ensino de Lacan”, *Opção Lacaniana*, vol. 35, 2003, pp. 6-24.

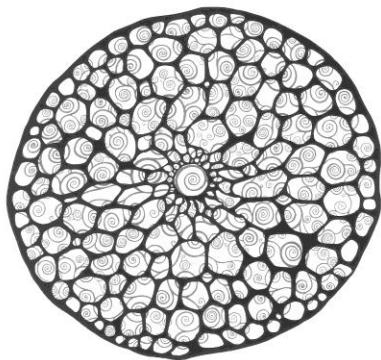
¹⁸ cf. Fuentes, M. J. “O deprimido em análise”, nesta revista.

¹⁹ Lacan, J. “O lugar da psicanálise na medicina”, *Opção Lacaniana*, vol. 32, 2001, p. 11.

²⁰ Lacan, J. *Outros Escritos*, p. 113.

OPÇÃO LACANIANA

Revista Brasileira Internacional de Psicanálise



Lacan e a Política

Agosto 2004

40

OPÇÃO LACANIANA

ISSN 1519-5128

Brasil: Rua Albuquerque Lins 902/212 01230-000 São Paulo SP Fax: (5511) 3826 9731

Opção Lacaniana é uma revista psicanalítica brasileira internacional
Editada por Edições Eolia

Colaboração: Fundação do Campo Freudiano e Associação Mundial de Psicanálise
Acordos com "La Lettre Mensuelle" da École de la Cause freudienne

Integra a rede Scilicet III que reúne ao lado de Ornicar? as seguintes publicações:

- Clique, Belo Horizonte - Cuadernos de Psicoanálisis, Bilbao - El Psicoanálisis, Madrid
- Freudiana, Barcelona - La Cause Freudienne, Paris - La Psicoanálisi, Roma - La Psychanalyse,
Atenas - Mental, Paris-Bruxelas - Opção Lacaniana, São Paulo - Quarto, Bruxelas

FUNDADORES Antonio Benetti, Angelina Harari, Bernardino Horne, Luiz Henrique Vidigal

DIRETOR Jacques-Alain Miller

REDAÇÃO Angelina Harari

ASSISTENTES DA REDAÇÃO Mônica Bueno de Camargo e Cynthia N. de Freitas

COLABORAÇÃO Heloisa Calkas (Tradução), Rosa Maria Rodrigues dos Santos,
Sílvia Pessoa, Marcus André Vieira (Clássicos), Elisa Alvarenga e Leda Guimarães (Testemunhos clínicos)

SECRETARIA Meire Sizue Kanashiro

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA Produtores Associados (São Paulo)

Os colegas que desejarem receber Opção Lacaniana por correio ou desejarem difundir-la, podem dirigir-se à Redação.

Capa: "Cytos"/série labirintos (105x130 cm) - 2004

Theresa Salazar

OPÇÃO LACANIANA

REVISTA BRASILEIRA INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE

40

EDITORIAIS

- 3 *Elisa Alvarenga*, Rumo a Comandatuba
3 *Juan Fernando Pérez*, A aranha e sua teia

ORIENTAÇÃO LACANIANA

- 7 *Jacques-Alain Miller*, Lacan e a Política

XIV ENCONTRO BRASILEIRO

FAZER ANÁLISE

- 21 *Marcus André Vieira*, Fazer análise: do fútil ao fato
27 *Juan Fernando Pérez*, Da lógica da sessão analítica e do tratamento
35 *Ricardo Seldes*, Indicações e contra-indicações: uma resistência à inércia

O DISPOSITIVO: INVENÇÕES E INTERVENÇÕES

- 43 *Nora Gonçalves*, O dispositivo analítico
47 *Francisco Barreto*, A urgência subjetiva na saúde mental
52 *Angelina Harari*, Quando não se paga o preço do risco

O PACIENTE: POSSÍVEIS E IMPOSSÍVEIS

- 55 *Marcelo Veras*, A era do trauma
59 *Maria Josefina Sota Fuentes*, O deprimido e a psicanálise
63 *Iordan Gurgel*, Clínica da psicose: direção ou tratamento possível?